

O CACHORRINHO E O OSSO DE DINOSSAURO

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.

Sinopse:

O livro conta a história de Didi e seu cachorro Salsicha. Didi era filho de um sertanejo do Ceará e viveu uma infância muito pobre. Mas, sempre se revelou um bom estudante e frequentava a escola no centro de Araripe com muito entusiasmo, apesar do sacrifício de caminhar cinco quilômetros para ir e voltar. Didi ajudava seus pais na lida da lavoura e vendia o excedente no vilarejo, sempre acompanhado do jegue Jabá. Salsicha era seu maior amigo. E Salsicha tinha o hábito de procurar por ossos nos campos ao redor da casa no sertão de Araripe. Um dia, ele encontrou um osso de pedra. Um Paleontólogo que fazia uma excursão pela Chapada do Araripe viu o osso de pedra e o identificou como sendo um osso de um animal pré-histórico. Assim, uma grande aventura se desenrola até a descoberta de um magnífico e completo esqueleto de um Santanaraptor Placidus. Como a descoberta foi em terras do pai de Didi, ele recebeu uma grande quantia de um museu para vender os fósseis, mudando a vida da família. Didi encantou-se com a atividade do Paleontólogo Atílio e seguiu esta carreira, tornando-se, também, um grande e bem sucedido Paleontólogo. É um conto com um caráter educativo e desenvolvimento de conhecimentos, ao mesmo tempo em que envolve e encanta aos leitores pela natureza do tema.

João José da Costa

Dedicatória

Dedico este trabalho e a todos que dedicam parte de suas vidas para educar de alguma forma as crianças, como uma missão e uma crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.
).

João José da Costa

Nossa história se passa na cidade de Araripe, pequeno município ao sul do Ceará, Região da Chapada do Araripe.

O dia amanhecia lindo em Araripe. O Sol pintava o céu de amarelo, enxugando as gotas de orvalho das folhas das plantas que se formaram na noite anterior.

A mata parecia encantada. Era primavera, a estação das flores e do amor. Por todos os cantos se ouviam vozes, sons, gritos e ruídos dos animais.

Em toda a floresta, nasciam milhares de filhotes de animais de todas as espécies.

Os passarinhos começavam o dia cantando. Era uma forma de avisar aos outros passarinhos que eles estavam no território. E, principalmente, anunciar para as fêmeas que eles estavam prontos para namorar e ajudá-las a criar novos filhotes.

A maior preocupação dos papais e das mães bichos era conseguir alimentos para tantas novas vidas. Os filhotes precisavam crescer fortes e rapidamente para se protegerem e sobreviverem ao inverno que se seguiria depois do verão e o outono.

E a estação da Primavera é generosa e oferece muitas flores, sementes, frutos e relva fresca para alimentar todos os animais da floresta. É por esta razão que a maioria dos animais escolhe a Primavera para namorar e ter seus filhotes!

Em uma pequena casa, o canto do galo às 5 horas da manhã anunciava para Floriano que era hora de levantar para mais um dia de trabalho.

Sua esposa Santinha nem esperou pelo cantar do galo e já preparava um bule de café, fervia o leite de cabra e aquecia um pedaço de broa de milho no pequeno fogão a lenha.

Um trabalho duro e cansativo aguardava por Floriano na roça e ele precisava ir bem alimentado.

O único filho do casal, Didi, ainda se embrulhava no pequeno cobertor e continuava seu sonho de criança. Este apelido se deu em razão da forma como que ele chamava as galinhas no quintal.

.

Mas, com o cheiro de café e da broa de milho, Didi também se levantava e começava a sua rotina de trabalho.

Apesar de seus sete anos de idade, Didi ajudava muito seus pais.

E logo seu grito matinal era ouvido no sertão:

- Diiii... Di... Di... Di... Di!

- Diiii... Di... Di... Di... Di!

Com este chamado, as galinhas e o galo corriam para comer o milho que Didi espalhava pelo terreiro.

Didi picava cana e mandioca para o casal de porcos e saía batendo no fundo da bacia. Esta era sua segunda e rotineira tarefa da manhã.

- Tum... Tum, tum, tum!

- Tum... Tum, tum, tum!

Cotinho e Banha logo sabiam que a sua comida estava chegando.

Salsicha, seu fiel cão amigo, tinha que esperar um pouco mais. Ele somente comeria na hora do almoço, ficando com as sobras dos pratos.

Mas, às vezes, Salsicha pegava um ovo do ninho da galinha e comia. Isto, quando não corria apavorado para não levar bicadas do galo!

Salsicha foi encontrado por Didi em uma casa abandonada, cujos moradores mudaram-se da pequena cidade e foram buscar uma vida melhor na cidade grande. E eles se esqueceram de levar seu cachorrinho. Um dia, Didi foi à cidade e viu este cachorrinho abandonado, com sede e com fome. E o trouxe para sua casa. Como o cachorrinho era muito baixo, com perninhas curtas, orelhas compridas e corpo comprido e tinha um pelo na cor avermelhada, Didi passou chamá-lo de Salsicha. Salsicha ficou muito feliz por ganhar um novo amigo e protetor.

Em sua casa, Didi fazia muitas outras coisas, como varrer o terreiro, pegar lenha seca no mato e água no poço. Didi e seus pais moravam em uma casa simples. Ela foi construída pelo próprio Floriano com troncos finos e bambus entrelaçados e amarrados com cipó.

Os pequenos espaços formados foram preenchidos com barro amassado. Ficou uma bonita casa de pau-a-pique. A casa tinha dois quartos pequenos e uma cozinha. Na cozinha, havia uma pequena mesa e três caixotes que serviam de cadeiras. A comida era preparada no fogão a lenha.

Do lado de fora, Floriano construiu um pequeno banheiro cercado por tábuas e dentro tinha um buraco no chão, que servia de vaso sanitário. Não havia água encanada, esgoto e nem luz na casa de Didi.

Santinha lavava suas panelas, pratos e roupas em uma tábua instalada do lado de fora. Ela pegava água em uma cacimba próxima de sua casa. A cacimba era um poço onde Floriano guardava a água das poucas chuvas que caíam no sertão ou que recebia de um caminhão pipa nos períodos de seca.

Na roça, Floriano e Santinha plantavam milho, feijão, mandioca, batata e algumas verduras e legumes. Eles tinham, também, cinco cabras e um cabrito. E tinha o jegue Jabá. O jegue era usado para levar uma parte da produção para vender no vilarejo. Outra parte da produção era destinada à alimentação da família.

O jegue Jabá ajudava carregar lenha para o fogão de Santinha e trazer água da cacimba. O jegue ganhou este nome porque, quando era filhote, ele comeu um pedaço da carne seca que estava na janela exposta ao sol. A carne seca é chamada, também de jabá. O jegue Jabá transportava, também, Santinha em seu lombo aos domingos, quando toda a família ia à missa. O Floriano e Didi iam andando ao lado do Jabá.

Didi levava o jegue Jabá e as cabras para pastarem nos campos próximos da casa e os deixava lá. Quando estavam com a barriga cheia, Jabá e as cabras voltavam sozinhas para casa.

Com a venda dos produtos da roça, o Floriano comprava algumas roupas, sandálias, café, carne seca, açúcar e outros produtos que não produzia em sua roça.

Floriano comprou até um pequeno rádio de pilha, que era a alegria todas as noites. Todos adoravam ouvir as músicas sertanejas antes de dormir.

Uma coisa que Santinha fazia bem era cozinhar e sempre tinha um prato de arroz, feijão, farinha e ovo frito esperando por Didi e Floriano. Às vezes, tinha até um pedaço de frango ou carne seca. Quando isto acontecia, era a maior felicidade de Didi que arregalava os olhos e comia até ficar barrigudo.

.

Didi adorava sua casa. À noite, podia ver as estrelas e a lua através dos buracos no telhado. Seu pai falava que tinha que consertar o telhado. Isto seria feito quando encontrasse mais folhas de carnaúba, uma palmeira típica do sertão, cada vez mais escassas nas vizinhanças.

Mas, Didi torcia para que ele não encontrasse as folhas da carnaúba. Ele preferia dormir contando as estrelas e admirando o brilho da lua.

O único problema era quando chovia. A chuva molhava por dentro da casa, fazia lama no chão do quarto e molhava o colchão onde Didi dormia. Quando isto acontecia, ele procurava o canto mais seco do colchão e adormecia. No dia seguinte, o sol secava a palha de milho do colchão de Didi e tudo voltava ao normal.

Afinal de contas, isto não acontecia todos os dias. No sertão cearense chove muito pouco. Didi achava engraçado o barro seco que ficava preso entre os dedos dos seus pés descalço, nestas ocasiões.

Didi era um menino feliz e alegre. Adorava seus pais e um era companheiro do outro.

Didi gostava de sentar em um banquinho feito com tijolos soltos perto do fogão a lenha, enquanto sua mãe preparava o jantar e seu pai ouvia o rádio de pilha. Lá, ele ouvia histórias da Santinha e do Floriano, fazia muitas perguntas e se mostrava curioso em aprender.

- Pai, por que chove pouco no sertão?
- Mãe, por que moramos isolados e longe do vilarejo?
- Pai, quando eu vou começar ir para a escola?
- Mãe, por que não tive outros irmãos?

E seus pais tentavam dar uma resposta a todas às perguntas do Didi. Realmente, o sertão é uma região semiárida do Brasil, com baixos índices de chuva por ano. Eles viviam isolados do vilarejo em razão de não terem dinheiro para comprar uma casa e um terreno por lá.

No sertão, o Floriano nem precisou comprar o terreno. Ele começou a plantar, fez sua casa de pau-a-pique, se casou com Santinha e seguiu sua vida.

.

Mas, com relação à escola, Floriano tinha uma boa novidade para o Didi:

- No próximo ano, você começará a ir para a escola do vilarejo. Eu consegui uma vaga para você!

Didi ficou muito contente com esta notícia.

Didi ficava contente quando viajava com Jabá para a cidade para vender parte da produção da roça. Lá ele podia ver as crianças felizes indo para a escola.

- Deve ser muito bom ir para a escola. As crianças que vão para a escola estão sempre contentes e alegres. Pensava Didi, enquanto via as crianças carregando mochilas nas costas.

E Didi sonhava, um dia, poder ir para a escola também.

Santinha trocou três galinhas com um comerciante do vilarejo por uma mochila, alguns cadernos, lápis e caneta. Era tudo o que Didi precisava para começar seus estudos.

Mas, a ida e a volta da escola não seria uma tarefa muito fácil para o Didi. Ele terá que andar cinco quilômetros para ir e mais cinco quilômetros para voltar. Entretanto, isto não desanimava o Didi, não. Ele andava muito bem e, muitas vezes, corria para chegar mais rápido onde queria. Seu entusiasmo em estudar o encorajava a qualquer sacrifício!

Didi passou a contar os meses, as semanas e os dias para começar seus estudos. Todos os dias ele abria seus cadernos em branco, rabiscava algumas linhas e figuras em papel de embrulho ou jornais para não estragar seus cadernos e ficava imaginando como seria bom saber ler e escrever.

Pensava:

- Quem sabe, um dia, eu posso ser um professor!

E sentado no banquinho de tijolos, aproveitando o calor do fogão a lenha, Didi questionava seus pais com relação à sua lida na casa quando for à escola:

- Mas, mãe! Quem vai cuidar da casa quando a senhora se juntar ao pai no trabalho da roça?

.

- Mas, pai! Quem vai alimentar as galinhas no terreiro, picar cana e mandioca para dar ao Cotinho e para a Banha no chiqueiro?

- Mãe, o Salsicha pode ir comigo para a escola?

- Pai, quem vai levar o Jabá e as cabritas para pastar no campo?

O Floriano e Santinha riam das perguntas de Didi, mas, ao mesmo tempo, ficavam orgulhosos por ter um filho tão dedicado e responsável.

E seus pais procuravam tranquilizar o Didi que todos os serviços que são feitos por ele serão feitos por Santinha ou pelo Floriano, quando ele for para a escola. Além do mais, Didi poderia, ainda, ajudar um pouco quando do seu retorno da escola à tarde.

Os dias, semanas, meses se passaram. Didi cumpriu à risca toda sua rotina de trabalho, enquanto aguardava o grande dia de começar suas aulas na escola.

E, finalmente, este dia chegou!

Didi não dormiu direito nas vésperas. Contou e recontou estrelas. Ouviu por várias vezes o cantar do galo durante a madrugada. Apesar de não ter dormido bem, Didi estava muito entusiasmado e motivado para o seu primeiro dia de aula.

Ele acordou cedo, arrumou sua pequena mochila com os cadernos, lápis e a caneta que ganhara de seu pai. Apesar de ter poucas roupas, Santinha vestiu o Didi com a melhor roupa que ele tinha. Ela já tinha preparado o café com leite de cabra e uma broa de milho quentinha. Didi tomou o café da manhã às pressas, deu algumas mordidas na broa de milho, colocando o resto na mochila.

E Didi colocou os pés na estrada rumo à escola do vilarejo, quando o Sol ainda começava a nascer. E Didi colocou mesmo os pés na estrada. Ele não tinha calçados e andava descalço. Salsicha nem pediu autorização para ninguém e se pôs na estrada também, acompanhando o Didi. Os dois tinham um longo percurso de cinco quilômetros pela frente.

Finalmente, chegaram à escola. Salsicha quis entrar na sala de aula e foi impedido pela professora. Assim, ele teve que ficar aguardando o Didi do lado de fora, enquanto se distraía andando pelas ruas do vilarejo, ora correndo atrás de gatos, ora fugindo de outros cachorros.

A escola de Didi era pequena e simples. Tinha apenas duas salas de aula, onde duas professoras se revezavam ensinando os alunos da comunidade. A professora de Didi se chamava Edite e ela era muito boa e atenciosa com os alunos. Mas, exigia disciplina e cumprimento de horário.

E, assim, Didi entrou no mundo das letras. Ele se sentia orgulhoso e seria o primeiro da família saber ler e escrever bem.

- Quando eu aprender a ler e escrever, eu vou ensinar minha mãe! Prometia ele.

Didi ganhou alguns livros didáticos usados da professora Edite, guardando-os com cuidado e carinho em sua mochila.

E Didi se maravilhava com tudo o que via na escola - seus novos amigos, os conhecimentos de sua professora, a forma de escrever os números e as letras, a formação das palavras, as contas de somar, subtrair, dividir e multiplicar, o mapa do Brasil com seus estados, rios, oceanos, a história do Brasil desde a sua descoberta por Pedro Álvares Cabral.

Didi, definitivamente, se encantou com o mundo da escola e com as portas que os novos conhecimentos abriam para ele.

Até hoje, Santinha e o Floriano se lembram do primeiro dia de aula do Didi, quando ele voltou:

- Mãe, a minha professora se chama Edite!
- Pai, ela sabe tudo! Ela é atenciosa e paciente com os alunos!
- Mas, ela não gosta que os alunos cheguem atrasados ou que sejam indisciplinados na aula!
- Eu aprendi a escrever meu nome já no primeiro dia de aula!
- Mãe! Quando eu aprender a ler e escrever direitinho eu vou ensinar a senhora também!

Didi parecia um tagarela!

Neste primeiro dia de aula, Didi voltou para casa rindo sozinho pela estradinha de terra, dando pulos de alegria, ora andando devagar, ora correndo, brincando com Salsicha, chutando pedrinhas do chão.

Pena que esta cena foi testemunhada somente por um tatu-peba que escavava um formigueiro, pelo casal de pomba asa branca e alguns lagartos.

Com o passar dos dias, as idas e vindas da escola se transformaram em mais uma rotina para Didi. Quando chegava em casa, Didi fazia a lição dada pela professora Edite e ajudava seus pais no trabalho da casa.

Salsicha, por um tempo acompanhou Didi até a escola. Era uma novidade para ele. Mas, depois, ele preferiu ficar na casa, curtindo o que mais gostava de fazer - percorrer os campos ao redor da casa e cavar o chão procurando por ossos para brincar e comer. Depois disto, ele gostava de ficar deitado e dormir à sombra de uma árvore próxima do chiqueiro.

E Salsicha tornou-se um grande descobridor de ossos de animais nas redondezas. Mas, nem sempre ele acertava na escolha. Um dia, ele voltou com o crânio de um boi, ainda com longos chifres. Ele chegou em casa quase morto de cansaço, arrastando aquele enorme crânio pelo chão. Ao chegar, com a língua de fora, foi recebido com risos pelo Floriano, Santinha e Didi.

Mas, o que era mais engraçado era o orgulho que Salsicha demonstrava em ter conseguido trazer um troféu tão grande para sua casinha. E, com o passar do tempo, Salsicha trouxe mais crânios de animais mortos - um de cabra, outro de jegue, mais um de cavalo. E, um dia, ele apareceu com um crânio desconhecido pelo senhor Floriano e Didi. Era um crânio grande, com longos dentes, parecendo o crânio de um grande gato. E não demorou ao Floriano e Didi saber do que se tratava - era um crânio de uma onça!

Salsicha espalhava estes crânios ao redor de sua casinha, que parecia enfeitada com estes ameaçadores crânios. Mas, Salsicha dormia sossegado, talvez acreditando que estes crânios o protegiam assustando outros animais que procuravam por comida à noite, enquanto ele tirava seu gostoso sono. E virar comida de um lobo guará ou uma onça era algo que Salsicha não queria!

E um dia Didi presenciou uma cena muito engraçada. Didi ouviu latidos vindos de longe. Ele saiu correndo para o terreiro da casa e pode ver Salsicha correndo e levantando poeira, trazendo algo em sua boca. Atrás de Salsicha vinha um cachorro-do-mato muito bravo querendo pegá-lo.

E logo ficou explicada a razão do cachorro-do-mato estar muito bravo com Salsicha. Ele havia pegado um osso de uma presa abatida pelo cachorro-do-mato, talvez, um coelho ou um gambá.

E como isto era o jantar que estava reservado para o cachorro-do-mato, o animal selvagem não quis saber - correu atrás de Salsicha para resgatar o seu saboroso osso. Ao chegar ao terreiro, Salsicha correu em direção ao seu amigo Didi, procurando por proteção. Didi tirou o osso de sua boca e o jogou de volta ao cachorro-do-mato, que o apanhou, olhou para Salsicha, como querendo dizer: “Não faça mais isto! Não se pega osso de outros animais! Na próxima vez vou dar uma mordida em seu rabo!”. E correu de volta para a mata.

Por algumas semanas, Salsicha perdeu o interesse em procurar osso nos campos, ainda assustado com o cachorro-do-mato.

A vida de Didi, seu pai Floriano e sua mãe Santinha continuava na rotina de sempre. A luta pela sobrevivência era a mesma de sempre. As idas para a escola continuavam para Didi. E a vida de Salsicha também seguia sua rotina de dormir, comer as sobras dos pratos, procurar por ossos nos campos ao redor da casa e dormir embaixo da sombra da árvore.

Assim, o tempo passou. Passaram-se três anos. Didi estava agora com 10 anos de idade. Didi era um dos melhores alunos da classe e, frequentemente, era elogiado por sua professora e enaltecido na frente dos demais alunos pelo capricho de seus cadernos, a exatidão de suas lições de casa e o nível de aproveitamento e inteligência que demonstrava.

Mas, as coisas não andavam muito bem para Salsicha. Ele encontrava cada vez mais dificuldades de achar ossos próximos de sua casa. E as sobras de comida dos pratos não era o suficiente para matar sua fome. Assim, não raras vezes, ele ia dormir com fome. Mas, Salsicha era um cachorro valente e persistente. Da mesma forma que Floriano, Santinha e Didi eram sertanejos de fibra e fortes em sua luta perante tantas adversidades, Salsicha, igualmente, não se dava por vencido.

Assim, Salsicha começou a procurar ossos cada vez mais longe de casa. Às vezes, ele voltava muito tarde de suas caçadas aos ossos. Outras vezes, voltava somente no dia seguinte. E Didi e seus pais começavam a se acostumar com as ausências de Salsicha. Eles sabiam que ele podia demorar, mas que chegaria mais tarde ou mais cedo.

Uma noite, porém, algo preocupante aconteceu na vida da família de Didi. Santinha sentiu muita febre, dores no pulmão e tossia muito. Ela começou a perder o apetite, emagrecer.

.

Santinha ficou doente e não podia mais ajudar na lida da casa e da plantação por um tempo. Floriano e Didi ficaram muito preocupados. Mas, pensavam em como fazer algo para cobrir a falta de sua mãe no trabalho por um tempo.

Didi chorava todos os dias, após sair do quarto onde sua mãe estava deitada na cama, abatida pela doença. Didi não queria que sua mãe o visse chorando.

Santinha procurava, apesar de doente, acalmar Floriano e Didi:

- Isto não é nada. Logo passa. Deve ser uma forte gripe!

E Didi teve outro aborrecimento naquela semana. Uma manhã, Salsicha saiu à procura de seus ossos e não voltou mais nos dias seguintes. Ele temia que algo de ruim pudesse ter acontecido ao seu querido amigo. Didi corria pelos campos ao redor da casa gritando por Salsicha. Mas, não tinha retorno.

- Será que ele foi devorado por alguma onça ou picado por uma cobra venenosa? Pensava Didi, preparando-se para o pior.

- Mamãe doente, papai triste, Salsicha desaparecido! Meu Deus me ajuda! Dizia Didi chorando. Seu pequeno mundo parecia desabar.

Após três dias desaparecido, um final de tarde, já quando começava anoitecer, Didi ouviu latidos no terreiro. Era Salsicha. E ele trazia na boca um osso grande e diferente de todos os ossos que havia encontrado até então.

- Salsicha! Salsicha! Você voltou, meu amigo! Deus ouviu minhas preces! Dizia Didi abraçando seu querido cachorrinho.

Salsicha lambia seu rosto de alegria por ter retornado. Ele teve que se esforçar muito para trazer aquele enorme e esquisito osso até sua casa. Estava morrendo de fome. Didi deu-lhe água e repartiu seu jantar com Salsicha.

Didi, depois, interessou-se pelo estranho osso. Era um osso grande, pesado e parecia um osso de pedra.

- Sim, é um osso de pedra. Mas, o que pode ser isto? Que animal tem um osso de pedra? Será um osso de verdade? Indagava Didi.

.

Mas, logo a tosse de sua mãe o chamava para entrar na casa e Didi deixou o osso de pedra com Salsicha que fez mais um esforço de levá-lo para perto de sua coleção de ossos em volta de sua casinha.

Na manhã do dia seguinte, Didi e Floriano voltaram-se para o estranho osso de pedra. E Floriano reconheceu:

- Nunca vi nada parecido por aqui! Salsicha deve ter encontrado este osso de pedra em um lugar muito distante de nossa casa. Talvez, tenha sido este o motivo de seu desaparecimento todos esses dias. Mas, coitado do Salsicha! Este osso não serve para nada. É mesmo um osso de pedra, Salsicha não poderá comê-lo. Desta vez, ele não teve sorte!

Santinha demorava a se recuperar de sua doença. Assim, a plantação de produtos agrícolas, que já era pouca, diminuiu ainda mais, deixando a família em uma situação de pobreza muito grande.

Pela manhã, Didi arrumou a carroça com o jegue Jabá e seguiu para o vilarejo tentar vender alguns poucos produtos da horta da casa, algumas frutas do pomar e ovos de galinha caipira. E aproveitou para levar consigo o osso de pedra, amarrando-o na carroça. Didi tinha medo que Salsicha quebrasse seus dentes tentando comê-lo.

Na viagem, o osso de pedra balançava, batendo na madeira da carroça, fazendo um barulho que distraía Didi: Toc, tum, toc, tum, toc, tum.

Ao chegar, ele se dirigiu à pequena praça do vilarejo, onde se realizava uma feira todos os domingos. E os moradores para lá se dirigiam para fazer compras e trocas de produtos. E Didi fazia sua propaganda:

- Olha os ovos frescos caipiras bem barato!
- Verduras colhidas hoje da horta!
- Frutas frescas e saborosas!

E, aos poucos, ele ia esvaziando a carroça e guardando o dinheiro que conseguia com suas vendas. Era pouco dinheiro, mas muito importante para a sobrevivência da família.

Quando se preparava para voltar, Didi viu um estranho mexendo em sua carroça. Mais precisamente, mexendo no osso de pedra. O estranho pegava o osso, olhava e o examinava atentamente.

Em certo momento, ele pegou uma lente de aumento para ver o osso de pedra bem de perto. E mostrava uma fisionomia de espanto e curiosidade.

Quando Didi chegou e subiu na carroça para ordenar que Jabá seguisse o rumo de casa, o estranho visitante disse-lhe:

- Ei, menino! Este osso é seu?
- Não! É do Salsicha, meu cachorrinho! Respondeu Didi.
- Mas, você sabe onde seu cachorrinho encontrou este osso? Insistiu o visitante.
- Não, senhor! Ele trouxe este osso de longe, depois de ter ficado vários dias desaparecido. Respondeu Didi.
- E onde você mora? Qual é o seu nome? Perguntou o visitante.
- Meu nome é Didi. Eu moro um pouco longe daqui, no sertão, na casa de meus pais! Respondeu Didi.

O visitante riu e resolveu se apresentar:

- Meu nome é Atílio. Eu sou um Paleontólogo. E este é Juvenal, o guia que está me acompanhando na visita à Chapada do Araripe...
- Eu não entendo o que está falando, senhor. Paleon... O que? Perguntou Didi.
- Didi, eu preciso falar com seus pais. Posso lhe acompanhar em sua volta para casa? Este osso é um fóssil de algum animal pré-histórico! Preciso saber onde Salsicha o encontrou! Depois eu explico o que é um Paleontólogo. Respondeu o senhor Atílio.
- O que é fóssil, senhor? Eu não acredito que Salsicha queira dar o seu osso para ninguém! Quis saber Didi.
- Didi, vamos à sua casa. Lá falamos sobre tudo isto na presença de seus pais. Podemos ir? Disse o senhor Atílio.
- Mas, Jabá não vai conseguir levar vocês dois na carroça! Respondeu Didi, provocando mais risos entre o senhor Atílio e Juvenal.

.

- Não há necessidade de irmos em sua linda carroça, Didi. Vamos em nosso carro. Nossa pick-up está logo ali! Respondeu o senhor Atílio.

- Mas, o Jabá é muito lento em sua marcha. Além do mais, ele para várias vezes para conversar com seus amigos no caminho! Disse Didi.

- Amigos? Respondeu o senhor Atílio, com ar surpreso.

- Sim! Jabá tem vários jegues e cavalos seus amigos ao longo da estrada a caminho de casa. Assim, ele para cumprimentar todos eles! Respondeu Didi.

O senhor Atílio olhou para Juvenal procurando entender este lado romântico do sertão cearense, pensou um pouco e disse:

- Então, você não poderia ir de carro conosco e depois vir pegar o Jabá?

- Eu, andar de carro? Nossa! Eu nunca andei de carro em minha vida. E não precisa se preocupar. O Jabá sabe muito bem o caminho de casa. É só eu falar para ele: Jabá! Vamos para casa! Respondeu Didi.

E assim foi feito. Didi subiu no carro do senhor Atílio, sentou-se no banco da frente, enquanto Juvenal se acomodou no banco traseiro. E Jabá, lentamente, começou sua marcha de volta para casa.

A viagem de carro até sua casa foi uma emoção muito grande para Didi. Ele olhava as montanhas ao longe, as casas da beira da estrada apareciam e sumiam rapidamente. E quando o carro fazia poeira, quando estavam passando pessoas a cavalo na estrada, Didi ria de ver os cavaleiros procurando se proteger da poeira.

Finalmente, eles chegaram à casa de Didi. Seu pai Floriano assustou-se com a presença dos visitantes e assustou-se mais ainda ao ver Didi sair de dentro do carro:

- Mas, o que está acontecendo por aqui? Didi, onde está Jabá e a carroça? Por que você estava dentro deste carro?

E o senhor Atílio se apressou em responder:

- Senhor...?

.

- Floriano, ao seu dispor! Respondeu o pai do Didi.
- Senhor Floriano, meu nome é Atílio, este é Juvenal o guia que está me acompanhando na visita à Chapada do Araripe. Eu sou Paleontólogo!
- Senhor Atílio, o senhor disse que explicaria o que é um Paleon... E explica para meu pai o que é um fóssil e o que o senhor achou do osso de pedra do Salsicha! Pediu Didi.

Floriano convidou os visitantes para chegarem à sua humilde casa e Santinha encontrou forças para levantar-se e passar um café de coador e servir os visitantes, que lhe pareciam pessoas de bem.

Após saborear o café gostoso feito na hora por Santinha, o senhor Atílio começou a explicar tudo direitinho:

- Eu estava na praça do vilarejo e vi seu filho Didi com um osso amarrado na carroça. Ao chegar, percebi que se tratava de um fóssil, um osso que pertenceu a algum animal pré-histórico. E isto tem muito valor para a Ciência e para a Paleontologia.

Sem perder tempo, Salsicha já tinha se apoderado do osso de pedra e o levado de volta à sua casinha!

E o senhor Atílio continuou:

- Fóssil é o resto do que sobrou de um ser que viveu há milhares ou milhões de anos atrás, que ficou enterrado e preservado e enterrado até os dias de hoje.
- A Paleontologia estuda os fósseis, uma vez que eles fornecem dados importantes quanto à evolução das plantas e dos animais na Terra ao longo de milhares e milhões de anos, os períodos em que existiram.
- Assim, a descoberta de fósseis é muito importante para se conhecer os vestígios dos seres, animais ou plantas, que habitaram nosso planeta há milhares ou milhões de anos atrás. Por isso, o osso encontrado por Salsicha parece ser um osso de pedra.
- E eu sou um Paleontólogo. Eu estudo os fósseis para investigar como eram os animais e plantas e os ambientes onde viviam no passado da Terra. Vocês me entenderam?

.

O Anhanguera era um dos maiores Pterossauros que já existiram. Possuía uma envergadura (comprimento da ponta de uma asa a outra) de, aproximadamente, 13 metros. Seu corpo esticado em voo chegava a ter mais de 3,5 metros. No solo pousado sua altura chegava a mais de 1,5 metros e chegava a pesar mais de 100 Kg. Ele vivia no Brasil e em outras regiões do planeta.

(Dica: Se tiver curiosidade de ver fotos e mais informações sobre este animal pré-histórico pesquise na Internet. É pesquisando que se aprende...)

Floriano e Didi ficaram olhando, sem entender quase nada do que o senhor Atílio dizia. E ficaram em silêncio por alguns minutos, enquanto o senhor Atílio permanecia aguardando uma resposta deles.

O silêncio foi quebrado pelos latidos de alegria de Salsicha, ao receber seu amigo, o jegue Jabá, que voltava sozinho do vilarejo.

E Floriano disse em seguida:

- Mas, isto quer dizer que o senhor quer ficar com o osso de pedra?
- O osso de pedra é do Salsicha! Reclamou Didi.

Pacientemente, o senhor Atílio tentava explicar o que ele queria realmente:

- Bem, na verdade, eu gostaria que Salsicha nos mostrasse onde ele achou este fóssil ou deste osso de pedra!

Em seguida, o senhor Atílio se dirigiu à casinha onde ficava Salsicha com todos os seus crânios e o osso de pedra, estendendo a mão para pegar o osso de pedra. Mas, Salsicha mostrou-lhe os dentes e rosnou, em sinal que poderia mordê-lo se tentasse pegar seu osso de pedra.

Então, o senhor Atílio recuou e exclamou:

- .
- Já sei! Vamos fazer uma troca com Salsicha!

Dizendo isto, o senhor Atílio foi até seu carro, abriu a geladeira que trazia e pegou três deliciosas salsichas que guardava para fazer seu lanche. E voltou novamente à casinha de Salsicha, dizendo:

- Salsicha, quer trocar seu osso de pedra por estas salsichas de verdade?
- .

Salsicha ao sentir o cheiro das salsichas imediatamente largou o osso de pedra e tentava pegar alguma salsicha das mãos do senhor Atílio, abanando seu rabo em sinal de contentamento.

O senhor Atílio deu-lhe uma salsicha, em seguida deu-lhe outra. Pegou o osso de pedra nas mãos e deu-lhe a terceira salsicha. Pronto! Salsicha havia concordado em trocar seu precioso osso de pedra pelas salsichas. Mas, salsicha queria mais!

- Senhor Floriano, o Didi pode nos acompanhar para Salsicha nos mostrar o local onde encontrou o osso de pedra?

Floriano concordou. E o senhor Atílio, o guia Juvenal e Didi tomaram o rumo dos campos ao redor da casa a pé, chamando por Salsicha:

- Vem Salsicha! Dizia Didi.

- Vamos Salsicha, mostre-nos onde encontrou este osso. Dizia o senhor Atílio, mostrando para Salsicha uma quarta salsicha, tendo o osso de pedra na outra mão.

Logo o instinto de Salsicha lhe mostrou que ele deveria se dirigir ao local onde achara o osso de pedra para, naturalmente, ganhar mais salsichas do senhor Atílio.

E Salsicha iniciou a marcha na correria, que os três homens tiveram dificuldades de acompanhá-lo. E o senhor Atílio, Juvenal e Didi, realmente, não conseguiram acompanhar a corrida de Salsicha.

O cachorrinho saiu em disparada rumo ao sopé da montanha, ainda nas terras de Floriano. E eles o perderam de vista. Após duas horas de caminhada, suando muito, os três aventureiros, finalmente, encontraram Salsicha que estava cavando em um campo de areia, próximo a um pequeno córrego.

Este era o local onde Salsicha encontrara o precioso osso de pedra.

- Mas, por que será que ele ficou vários dias fora desaparecido se estava tão perto de casa? Indagou Didi.

- Provavelmente, seu instinto animal o levou a proteger seu achado. Ele ficou entusiasmado por ter encontrado tantos ossos que não os queria

perder para outro animal qualquer. Assim, deve ter ficado deitado ao lado dos ossos. Esclareceu o senhor Atílio.

- Espero que ele não tenha conseguido comer nenhum dos ossos! Disse Juvenal sorrindo.

- Com certeza, não! Ele não conseguiria. Deve ter se alimentado de ratos ou qualquer outro pequeno animal! Respondeu o senhor Atílio.

Finalmente, eles encontraram o local onde, provavelmente, estariam os fósseis de algum animal pré-histórico. A ansiedade tomou conta de todos. Que animal estaria enterrado ali? Que tamanho teria? Como estaria o estado de conservação dos fósseis?

Então, o senhor Atílio esclareceu:

- Didi, torça que para seja um fóssil completo de algum animal pré-histórico. Isto poderá render um bom dinheiro para sua família, uma vez que o fóssil está localizado em suas terras. Com certeza, algum museu se interessaria em comprá-lo por um bom preço!

- Verdade? Nossa! Meu pai e minha mãe vão ficar muito contentes se isto realmente acontecer. Assim, nós poderemos nos mudar para a cidade grande e eu continuar seus estudos! Disse Didi entusiasmado.

- Ah! Que bom que você pensa em continuar seus estudos! E o que você quer ser quando crescer? Perguntou o senhor Atílio.

E Didi, um pouco tímido, respondeu:

- Eu pensava em ser professor! Mas, acho que...

- Acha que...? Perguntou o senhor Atílio.

- Acho que também eu vou ser um 'paliotolo'! Respondeu Didi.

- Você quer dizer Paleontólogo? Que bom! O Brasil precisa de mais Paleontólogos. Você gostaria de explorar os terrenos e descobrir fósseis de plantas e animais pré-históricos? Quis saber o senhor Atílio.

- Acho que sim... Acho que sim! Respondeu Didi, ainda com muitas dúvidas sobre esta profissão.

.

- Didi, você vai conhecer melhor o que faz um Paleontólogo quando nos ajudar a explorar este terreno descoberto por Salsicha. Agora precisamos fazer o trabalho de campo! Disse o senhor Atílio.

- E o que é o trabalho de campo, senhor Atílio? Didi quis saber.

- Bem, é um trabalho longo! Teremos que marcar todo o terreno em volta deste local, vamos montar nossas barracas de acampamento e dormir e tomar nossas refeições aqui. Teremos que ter paciência e muito cuidado em todas nossas ações para não quebrar os fósseis. Nós teremos que voltar à sua casa, vamos deixar o Salsicha lá e voltaremos com o carro. Assim, falarei com o seu pai se você pode nos acompanhar neste trabalho de campo.

Salsicha não parava de cavar, tentando encontrar mais ossos. Mas, após ganhar mais uma salsicha do senhor Atílio ele o acompanhou na volta para casa.

Uma vez na casa, o senhor Atílio conversou com o Floriano:

- Senhor Floriano, muito provavelmente nós estamos diante da descoberta de fósseis de algum animal pré-histórico em suas terras. E se tivermos sucesso em encontrá-lo, com certeza um museu terá muito interesse em comprá-lo. Como os fósseis estão em suas terras, o senhor poderá ganhar um bom dinheiro na venda destes fósseis!

- Pai, nós podemos nos mudar para a cidade grande. A mãe não vai precisar fazer mais este trabalho duro do campo e eu poderei continuar meus estudos! Adiantou-se Didi.

Mas, Floriano, como um homem cauteloso e desconfiado, preferiu pensar com calma, antes de mostrar o entusiasmo que já brotava em seu coração!

- Moço, vamos ver primeiro que bicho está escondido lá! Depois prosequremos sobre a venda! Mas, penso que poderemos chegar a um bom acordo! Disse Floriano.

- Senhor Floriano, o Didi poderia nos acompanhar neste trabalho de campo? Ele teria que ficar conosco por, aproximadamente, três semanas dias! Perguntou o senhor Atílio.

- Moço, acho que não vai dar não! O Didi tem aulas. Mas, ele poderá ir aos finais de semana! Respondeu Floriano.

.

Para todos, estava bom assim. Didi continuaria ir à escola, mas teria, pelo menos dois finais de semana para ver o trabalho de campo do senhor Atílio e Juvenal.

Salsicha, ignorando que estava prestes a perder todos os seus achados de ossos de pedra, dormia embaixo da árvore com a barriga cheia de salsichas!

O senhor Atílio e o guia Juvenal se apressaram em ir ao vilarejo comprar gêneros alimentícios, água mineral e outras coisas que precisariam em seu acampamento. E fizeram isto o mais rápido possível. Já no final da tarde, eles se dirigiram ao local onde estavam os fósseis e acamparam para, na manhã do dia seguinte, começarem os trabalhos de campo.

Didi passou a semana toda ansioso, enquanto ia à escola todos os dias da semana. Ele não via a hora de chegar sábado e domingo para correr ao local do acampamento e ver como estavam os trabalhos do senhor Atílio e o guia Juvenal.

O senhor Atílio e o guia Juvenal deram início aos trabalhos de campo, após montarem as barracas de acampamento - um quarto de dormir para o senhor Atílio, outro para o guia Juvenal, outra barraca para a cozinha e outra para o banheiro. Uma faixa amarela foi colocada ao redor do local onde estavam os fósseis, demarcando a área para ser escavada. A escavação seria muito cuidadosa e lenta, para não quebrar nenhum fóssil.

E para sorte deles, os fósseis não estavam muito fundos! E foi por esta razão que Salsicha conseguiu encontrar o osso de pedra. E, um a um, os ossos foram encontrados, limpos com pincel delicadamente, lavados nas águas do córrego e armazenados em uma lona estendida na areia. Como um quebracabeça, o senhor Atílio distribuía cada osso em seu devido lugar, montando o esqueleto do animal pré-histórico, até então ainda desconhecido deles.

Os dias foram passando e o esqueleto foi tomando forma. Tratava-se de um animal grande. E, finalmente, quando acharam o crânio em excelente estado de conservação, eles puderam identificar o misterioso animal que lá morrera há milhões de anos atrás.

- É um Santanaraptor Placidus! Meu Deus! É um Santanaraptor Placidus! Gritava o senhor Atílio, abraçando e pulando com o guia Juvenal!

O senhor Atílio não conseguiu esconder as lágrimas que saiam de seus olhos, sob o olhar compreensivo de Juvenal.

.

Exausto, após um trabalho duro para desenterrar os fósseis, o senhor Atílio sentou-se feliz e contente no chão de areia quente e muito emocionado começou a conversar com seu companheiro Juvenal, enquanto bebia água em pequenos e refrescantes goles:

- Sabe, Juvenal! Eu me sinto como fazendo uma viagem no tempo de 110 milhões de anos! A Chapada do Araripe, aqui no Ceará, é uma região que nessa época era povoada por dinossauros! Eu posso até imaginar ver um deles andando faminto - um jovem Santanaraptor Placidus - procurando algo para comer com urgência! Ele está em fase de crescimento e, se não se alimentar bem, nunca atingirá seu tamanho de adulto de 2,5 metros de altura! O Santanaraptor era carnívoro, só comia carne. Já imaginou o trabalho que ele tinha para caçar todos os dias para o seu almoço? Ele precisava de disposição e agilidade. E isto Santanaraptor tinha de sobra. Ele era extremamente ágil e veloz. Note que seus ossos são parcialmente ocos, o que diminuía o seu peso.

Juvenal escutava encantado e atento, enquanto admirava a vocação e o dom do senhor Atílio para a Paleontologia. E o senhor Atílio continuou:

- Um dia, esse Santanaraptor, que andava pelo Ceará, morreu. Talvez, ele já estivesse doente ou tenha sido atacado por algum dinossauro maior. Seu corpo foi parar no sopé desta montanha desta cidade de Araripe, um ambiente rico em fosfato. Esse mineral ajudou a conservar o esqueleto do dinossauro. Quando os restos de um animal morto não são decompostos por bactérias, eles se tornam fósseis, que podem ser conservados por milhões de anos.

- Foi o que aconteceu com deste Santanaraptor. Seus fósseis se conservaram até os dias de hoje. Esse foi um achado muito importante, pois o Santanaraptor Placidus era uma espécie de dinossauro até então desconhecida, quando foram descobertos em 1991 por pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os pesquisadores descobriram que ele pertencia a um grupo que, milhares de anos depois, evoluiria e daria origem a espécies como o Tiranossauro Rex, um dos mais temidos dinossauros carnívoros.

(Dica: Se você ficou curioso em conhecer melhor este animal pré-histórico pesquise na Internet concepção artística de um Tiranossauro Rex, que surgiu de uma evolução do grupo a que pertenceu o Santanaraptor. É pesquisando que se aprende...)

CONHEÇA UM POUCO SOBRE A CHAPADA DO ARARIPE

Localizada ao Sul do Estado do Ceará, na região do Cariri, a Chapada do Araripe se encontra na divisa entre o Ceará e Pernambuco e é uma reserva ecológica que reúne fontes naturais, grutas e sítios paleontológicos.

Segundo dados do Governo Estadual, as formações florestais que abundam nas serras possuem árvores com até 30 metros de altura com espécies conhecidas como ‘madeira de lei’ e vegetais de palmas pendentes, destacando-se a samambaia e algumas orquídeas. As fontes do Cariri surgem na chapada a 700 metros de altitude.

Floresta Nacional do Araripe

Datada de 120 milhões de anos, a floresta possui mil metros de altitude e abriga fósseis de dinossauros e peixes. As relíquias podem ser encontradas no Museu de Paleontologia em Santana do Cariri. A floresta tem uma enorme diversidade de pássaros, animais e vegetais, além de relíquias arqueológicas. Em 1946, o local foi considerado reserva ecológica. A Floresta do Araripe é área de proteção ambiental e possui cerca de 214 fontes de água.

O senhor Atílio tinha finalizado a montagem do quebra-cabeça e o esqueleto do Santanaraptor estava quase completo, só faltava um dos ossos da costela. E, nos dois primeiros finais de semana, Didi veio visitar o acampamento e acompanhar o trabalho de campo do senhor Atílio e Juvenal, sem o seu amigo Salsicha, atendendo recomendação do próprio senhor Atílio. Didi podia ver o que eles faziam a cada semana.

Didi admirava e se encantava da forma como o senhor Atílio se dedicava e se concentrava em seu trabalho. Com um chapéu de aba larga para se proteger do sol, o senhor Atílio trabalhava agachado o tempo todo, suando, horas a fio, esquecendo-se até do seu almoço algumas vezes. Ele escavava o chão com pás de vários tipos e tamanhos, muito cuidadosamente para não arranhar ou quebrar seus valiosos fósseis.

Quando os encontrava, escovava-os com carinho, canto por canto, parando de vez em quando para admirá-los. Depois, os lavava no córrego e os levava para compor o enorme quebra-cabeça que ganhava forma. Ao final de três semanas, o quebra-cabeça estava terminado. O senhor Atílio lamentava, apenas, não ter encontrado o único osso faltante da costela. E neste último final de semana, Didi pode trazer o Salsicha. Ao chegarem, o senhor Atílio brincou com Salsicha:

- Salsicha, muito obrigado. Você foi o primeiro cachorro Paleontólogo do Brasil! Mas, o que é este osso que você traz na boca?

Ao pegar o osso, o senhor Atílio viu que se tratava exatamente do osso faltante para completar a costela! Antes de ir embora, Salsicha pegara este

osso de pedra, sem que os amigos o percebessem. E todos riram muito. Como recompensa, Salsicha ganhou mais algumas salsichas de verdade.

- Meu Deus! Graças Senhor! Este esqueleto de Santanaraptor está completo, sem um único osso faltante! Eu tenho a certeza de que muitos museus de história natural se interessarão em comprá-lo! E pagarão um bom preço! Gritava alegre e realizado o senhor Atílio.

(Dica: Se você ficou curioso em conhecer melhor este animal pré-histórico pesquise na Internet concepção artística de um esqueleto completo de um Santanaraptor Placidus, uma nova espécie de dinossauro carnívoro que viveu em nosso país há cerca de 110 milhões de anos atrás. Essa espécie pode ser comparada ou classificada no mesmo grupo do Tiranossauro Rex. É pesquisando que se aprende...)

O trabalho de campo estava terminado. Agora, era preciso levantar o acampamento e tomar o rumo de volta. O senhor Atílio e Juvenal embrulharam cada fóssil com muito cuidado em plástico-bolha, arrumou todos em uma grande caixa de madeira e a colocaram na caçamba da pick-up. A pick-up seguiu lotada rumo à casa de Didi. Eles precisavam se despedir de Floriano e Santinha e, principalmente, conversar sobre a venda do precioso achado para algum museu.

- Didi! Posso lhe garantir que vocês ficarão ricos! Disse o senhor Atílio, contente em premiar a família que tanto colaborou com esta grande descoberta.

- E você, Salsicha, poderá ter quantas salsichas quiser pelo resto de sua vida! Completou o guia Juvenal.

Todos riram felizes, o guia Juvenal deu a partida e a pick-up seguiu pela estrada de terra, deixando para trás o local onde o Santanaraptor havia ficado por milhões de anos.

No caminho, Didi se imaginava um futuro Paleontólogo! E poderia explorar outras áreas na Chapada do Araripe e em outros locais do Brasil. Ele gostou muito deste trabalho e prometeu estudar muito para conseguir se formar.

Pensava:

- O que será 'ficar rico'? E o que meu pai e minha mãe farão com este dinheiro? Quanto será que o museu pagará por este tal de Santanaraptor? Será que eu vou poder comprar uma bicicleta? A mamãe ter uma geladeira e uma televisão? Meu pai comprar uma casa melhor na cidade grande? E

mamãe poderá ser tratada por um hospital e médico na cidade grande! E tomar remédio de verdade!

Estes pensamentos seguiram Didi durante toda a curta viagem. E logo, todos estavam estacionando no terreiro da casa de Floriano, buzinando e fazendo grande festa.

Floriano e Santinha saíram às pressas da casa, assustados com o barulho da buzina e os gritos dos visitantes. Mas, logo perceberam que era por pura alegria e felicidade. Seu filho Didi correu para abraçá-los e contar as novidades:

- Pai, mãe! Conseguimos desenterrar o enorme bicho que estava lá há milhões de anos! O senhor Atílio é um grande Paleontólogo! Eu vou ser um Paleontólogo também quando crescer!

E Didi continuou:

- Sabe, nós vamos ficar ricos quando um museu comprar o bicho que foi encontrado em nossas terras. O senhor Atílio disse que o museu poderá pagar um bom preço por ele!

- Mãe! A senhora poderá comprar a geladeira e a televisão que sempre sonhou! Poderá ir à cidade grande e se tratar com médicos e hospitais e tomar remédio de verdade! Não é bom, mãe?

- Pai! O senhor poderá comprar uma casinha na cidade grande e deixar de trabalhar na dura lida do campo! Assim, eu posso ficar próximo da escola onde quero estudar!

Floriano resolveu interromper Didi:

- Didi, você é mesmo um tagarela. Deixe o senhor Atílio conversar com a gente!

Santinha recolheu-se para fazer um suco de caju para os visitantes.

O senhor Atílio ria da alegria e entusiasmo de Didi. E explicou tudo para o Floriano:

- Senhor Floriano, o Didi praticamente já disse tudo! Nós encontramos os fósseis de um animal pré-histórico chamado Santanaraptor Placidus. O esqueleto está completo e em excelente estado de conservação. Como os

fósseis estavam em suas terras, o senhor tem a propriedade deste achado e poderá vender os fósseis a um museu interessado. O senhor concorda que eu procure um museu e ofereça estes fósseis?

Floriano, desde que viu o senhor Atílio, despertou grande confiança em sua pessoa. O senhor Atílio lhe parecia um homem de bem em que ele poderia confiar em suas boas intenções e honestidade. E, naturalmente, Floriano queria saber o quanto poderia valer esta descoberta.

- Senhor Atílio, quanto um museu interessado poderá pagar por este bicho? O senhor tem uma ideia?

- Senhor Floriano. Eu não saberia dar um valor exato para um fóssil completo de um *Santanaraptor Placidus*. Mas, sei que os museus chegam a pagar quantias elevadas para os fósseis de dinossauros. Eu acredito, sujeito a uma posterior confirmação, que o tesouro descoberto por Salsicha poderá chegar a valer até dois milhões de reais! Sobre este valor nós reteremos 20% para financiar nossas pesquisas e explorar novas áreas em busca de mais fósseis. Assim, caberia ao senhor receber algo em torno de um milhão e seiscentos mil reais. É um dinheiro suficiente para toda sua vida!

Floriano não tinha a menor ideia de quantas coisas poderia comprar com este dinheiro. Ele mal sabia fazer as contas e sempre viveu contando moedas da venda de seus produtos da horta e do pomar.

Didi, como bom aluno de matemática, disse:

- Pai, é muito dinheiro. É dinheiro suficiente para mudarmos de vida e comprar tudo o que o senhor e a mãe quiserem. É dinheiro suficiente para eu continuar meus estudos em boas escolas!

Floriano procurava esconder seu entusiasmo. Como bom matuto, ele precisava ver para crer! E respondeu ao senhor Atílio:

- Moço, nós confiamos no senhor! Leve o bicho e traga o dinheiro para nós!

O senhor Atílio respondeu:

- Senhor Floriano, é uma quantia muito grande para trazer em dinheiro vivo. Precisamos abrir uma conta bancária para o senhor na cidade. Assim, eu depositarei o valor que lhe cabe diretamente em sua conta bancária. E o

senhor poderá sacar o dinheiro do banco toda vez que precisar. O senhor sabe ler e escrever?

- Olha, moço! Eu não consegui completar o curso primário. Mas, aprendi ler e escrever. Aqui na roça eu não tive muita precisão de ler e escrever. Mas, quando eu vou ao vilarejo eu leio os jornais na banca do Seo Fernando, leio as propagandas na venda do japonês Kida, as placas das ruas. E escrevo e assino meu nome.

- Que bom, senhor Floriano! Nós vamos precisar de uma Cédula de Identidade e o CPF para abria uma conta na Caixa Econômica Federal. Respondeu o senhor Atílio.

- Mas, isto eu não tenho não! Respondeu Floriano.

- Senhor Floriano, não se preocupe. Quando tiver tudo resolvido com a venda dos fósseis a um museu, eu o acompanharei à Caixa Econômica Federal e nós cuidaremos de tirar sua Cédula de Identidade e fazer o seu Cadastro de Pessoa Física na Agência da Receita Federal. Não é muito complicado fazer isto!

O senhor Atílio e o guia Juvenal partiram. Estava tudo acertado com a família de Floriano. Didi olhava encantado a pick-up cortar a estrada de terra rumo ao vilarejo, enquanto Salsicha se escondia, assustado com o ronco do motor e evitando a poeira em seus olhos.

O senhor Atílio partiu e deixou para trás uma família que, ainda, estava contente e feliz com as novidades, mas, atordoada por todos estes acontecimentos e as mudanças que estavam prestes a fazer em suas vidas.

Alguns meses se passaram...

- Santinha, eu acho que o senhor Atílio não voltará mais. E ele levou o bicho com ele! Dizia Floriano.

- Não pense assim, homem! O senhor Atílio pareceu ser um bom homem. Ele voltará sim. Respondia Santinha.

Didi voltou aos seus estudos no vilarejo, continuando sua caminhada a pé na estradinha de terra. Às vezes, sonhava como seria bom ter uma bicicleta e pensava quando o osso de pedra achado por Salsicha iria realizar este sonho.

.

Salsicha continua em sua vida de cachorro. Comia os restos dos pratos e saía à procura de ossos nos campos ao redor da casa. Em algumas vezes, corria do galo após ter bebido um ovo da galinha.

Mais alguns meses se passaram. Já fazia seis meses que o senhor Atílio não dava notícias.

- Pai, calma! O senhor Atílio mora longe, num tal de Rio de Janeiro. Ele precisa ir de avião lá! Ele vai voltar sim, pai. Ele vai voltar sim! Dizia Didi, quando via seu pai descrente quanto à volta do senhor Atílio a Araripe e à sua casa.

- Não sei não, filho! Mas, vamos continuar confiando no senhor Atílio e em Deus. Respondia Floriano.

A saúde de Santinha não continuava boa. Floriano e Didi não tinham mais sua ajuda na horta e no pomar. Ela mal conseguia cuidar da lida da casa, como fazer a comida e lavar a roupa. Esta era a maior preocupação de Floriano e Didi e eles tinham a esperança de melhor cuidar de Santinha com o dinheiro da venda do Santanaraptor Placidus.

Mas, tudo estava próximo de mudar...

Uma tarde de domingo após o almoço, quando Floriano, Santinha e Didi estavam sentados em um tronco que servia de banco próximo à porta da casa curtindo um momento de preguiça, eles ouviram o ronco de um motor e a poeira levantando na estrada de terra. Todos se levantaram e correram para as margens da estrada de terra. E viram uma pick-up igual a do senhor Atílio entrar na direção do terreiro da casa. No volante, lá estava ele - o próprio senhor Atílio que voltava!

E tudo deu certo com a venda do Santanaraptor Placidus. Um museu de São Paulo fez uma oferta de dois milhões e trezentos mil reais. Assim, a família de Floriano teve o direito de receber um milhão, oitocentos e quarenta mil reais, já descontado a participação do senhor Atílio.

E o senhor Atílio trazia em suas mãos um cheque neste valor. E ele próprio cuidou de levar Floriano para o vilarejo, abrir uma conta na Caixa Econômica Federal, tirar a documentação necessária. Ele encerrava aí sua aventura nas terras de Araripe, agradecido e deixando uma família feliz e agora rica. Mas, ele não se esqueceu de Salsicha. Ele levou muitas salsichas para recompensá-lo pelo achado. E dali para frente, Didi teria todo o

dinheiro que precisasse para comprar todas as salsichas que Salsicha quisesse.

Como previsto, Floriano mudou-se de Araripe para Fortaleza, comprou uma confortável casa, Santinha passou por um longo tratamento médico em um bom hospital e sob os cuidados de bons médicos. Didi ganhou sua tão sonhada bicicleta, mas a usava mais para lazer, uma vez que a nova escola ficava próxima à sua nova casa. Floriano e Santinha passaram a frequentar uma escola de alfabetização de adultos. Eles sabiam que precisavam estar mais bem preparados para administrar a nova riqueza da família. E um primeiro e novo automóvel estava nos planos de Floriano. Salsicha ganhou uma linda e aconchegante casinha de cachorro e até uma namorada. Didi comprou uma cachorra Basset, da mesma raça de Salsicha, e deu-lhe o nome de Santana. Com o tempo, tiveram muitos filhotes...

Muitos anos se passaram...

A casa de pau-a-pique foi abandonada, da mesma forma que as casas dos antigos carvoeiros que moravam na região. As cabras e os porcos foram vendidos na feira do vilarejo. Jabá foi solto nos campos de Araripe para viver seus últimos anos de vida por conta própria e em liberdade.

De vez em quando, Jabá voltava para a casa abandonada, talvez procurando por Didi, Floriano, Santinha e Salsicha. Não encontrando, ele seguia lentamente em direção aos campos sem entender bem o que havia acontecido. Floriano preferiu soltar Jabá nos campos a vendê-lo ou dá-lo para outro sitiante. Com certeza, ele não sobreviveria muito tempo pelo trabalho pesado e duro que o estaria esperando.

Didi já finalizava os seus estudos no colégio e, agora, se preparava para o vestibular, visando seu ingresso na faculdade para especializar-se em Paleontologia. Se lograsse êxito em passar, uma nova mudança se faria necessária em sua vida.

.

O curso superior que ele desejava fazer estava na cidade de Rio Claro, em São Paulo, na UNESP - Universidade Estadual Paulista. Os preparativos para o vestibular tomaram todo o tempo de Didi. Didi já era um moço e vivia os desafios e alegrias de seus 18 anos.

O caminho a fazer até sua formação como Paleontólogo era muito longo e exigiria muito esforço de estudos da parte de Didi. Para ser um Paleontólogo será necessário, inicialmente, desenvolver um curso superior em Biologia/Ecologia. Após a graduação nestas faculdades, Didi terá que fazer

um curso em Pós-Graduação que envolva Geologia, na busca dos títulos de Mestre e Doutor, para uma carreira profissional na Paleontologia.

Mas, um garoto que andava cinco quilômetros para chegar à escola e mais cinco quilômetros para voltar para casa não seria capaz de fazer todos os esforços necessários para se formar um Paleontólogo?

Naturalmente que sim! E Didi, o agora Dr. Ubaldo Nonato, formou-se com todos os louvores, com mestrado em Paleontologia.

Didi formou-se aos 25 anos de idade. E iniciou seu trabalho como estagiário no Instituto de Paleontologia Atílio Munari.

E ele recebeu a complementação de sua formação com os ensinamentos do Mestre Atílio que, apesar da idade avançada, ainda era um grande entusiasta e dedicado explorador.

E na rotina de trabalho, os dois profissionais, o Mestre e o pupilo, conversavam sobre o que mais gostavam - Paleontologia.

- Mestre Atílio, o Brasil pode ser considerado um bom sítio arqueológico? Perguntou Didi.

E o senhor Atílio esclareceu:

- Para quem ainda tem dúvidas aí vai a resposta, SIM! No Brasil viveram algumas espécies de dinossauros a milhares de anos atrás. No ano de 1987 o agricultor Anísio Fausto da Silva descobriu pegadas que, possivelmente, eram de dinossauros. Elas estavam localizadas em Sousa que fica na Paraíba. Porém, apenas em 1920 um Paleontólogo confirmou a existência desses fósseis. Além de pegadas, ovos, ossos, até mesmo fezes de dinossauro já foram encontradas em nosso país. Alguns fósseis estavam tão bem conservados que permitiu as pesquisas indicarem a espécie exata.

Dizem os estudos que a área onde hoje é o Brasil era preenchida por muitos rios, lagos e grandes pinheiros de até 30 metros de altura, além de existir muitas samambaias. Essas plantas serviam de alimento para os titanossauros, herbívoros que tiveram seus fósseis encontrados em São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

E o senhor Atílio continuou:

- Foi o que aconteceu com o primeiro Santanaraptor encontrado. Seus fósseis se conservaram até os dias de hoje e foram descobertos em 1991 por

pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse foi um achado muito importante, pois o *Santanaraptor Placidus* era uma espécie de dinossauro que ninguém conhecia ainda. Os pesquisadores descobriram que ele pertencia a um grupo que, milhares de anos depois, evoluiria e daria origem a espécies como o *Tyrannosaurus Rex*, como já dissemos, um dos mais temidos dinossauros carnívoros. Os cientistas ficaram impressionados porque não só os ossos do dinossauro estavam fossilizados, mas também os tecidos chamados moles, como fibras musculares, vasos sanguíneos e pele. Isso não quer dizer que foram encontrados restos de carne do dinossauro! Os lugares em que ficavam os tecidos moles foram preenchidos por minerais e permitiram que os pesquisadores vissem como eram esses tecidos e onde eles se localizavam. Depois de encontrar os fósseis, os cientistas puderam reconstituir o esqueleto do primeiro *Santanaraptor* encontrado no Brasil.

Didi ouvia tudo com interesse em aprender com o Mestre e encantado com o mundo maravilhoso da pré-história que a Paleontologia permitia trazer ao nosso conhecimento.

- Didi, venha ver na sala ao lado as fotos dos principais espécies dinossauros brasileiros e onde viviam! Disse o senhor Atílio.

Em uma sala com dezenas de fotos e fósseis, Didi pode conhecer melhor alguns dos animais pré-históricos que viviam no Brasil há milhões de anos atrás:

Ornitópodos (SP) - eram herbívoros e podiam ser bípedes ou quadrúpedes e ter altura entre 1,8 a 4 metros, e de comprimento 2,5 a 6 metros.

Titanossauro (SP, MG, GO, MT) - eram o maior e mais representativo dinossauro da América do Sul e segundo os estudos eles viveram cerca de 65 milhões de anos atrás. Podiam ter até 15 metros de comprimento e 5 metros de altura, pesando 15 toneladas em média. Esses animais se alimentavam de samambaias.

Carnossauros (MT, BA, PB) - eram carnívoros e tinham 07 metros de altura e 12 de comprimento.

Espinossauro (CE) - eram carnívoros, tinham 3 metros de largura e pesavam 600 quilos.

Iguanodonte (PB) - eram bípedes, herbívoros, pesavam cinco toneladas e tinham de 6 a 10 metros de comprimento e 3 a 7 metros de altura.

*Abelissauro (SP e MG) - eram carnívoros e tinham 7 metros de comprimento e cinco de altura. Eram bem parecidos com o *Tyrannosaurus Rex*.*

.

Estauricossauro (RS) - mediam apenas 1,5 metros, pesando 50 quilos. Eram carnívoros e é considerada uma das espécies mais antigas, podendo ter existido há 225 milhões de anos atrás.

Plateossauro (RS) - esse herbívoro primitivo e muito ágil pesava 200 quilos e media 2 metros.

(Dica: Se você ficou curioso em conhecer melhor estes animais pré-históricos, pesquise na Internet concepção artística deles e mais informações. É pesquisando que se aprende...)

Em dado momento, enquanto tomavam um café e sentaram um pouco em uma sala de estar, Didi perguntou ao Mestre:

- Mestre, o senhor sempre pensou em ser um Paleontólogo?
- Na verdade Didi, eu sempre gostei de Biologia e de Geologia. Quando criança eu colecionava pedras e apanhava ossos que encontrava nos quintais procurando saber a que animal esses ossos pertenceram. Talvez, sim! Eu não sabia, mas gostava de Paleontologia! E quando ingressei na faculdade de Biologia esta vocação se mostrou mais forte e segui em frente! E o Mestre Atílio continuou, com entusiasmo, mostrando a satisfação e realização que sentia em ser um Paleontólogo:
- Didi, o nosso maior desafio e objetivo é encontrar um fóssil. Fóssil é uma palavra derivada do termo latino ‘fossilis’ que significa ‘desenterrado’ ou ‘extraído da terra’. Como nós sabemos, fóssil é um resto do que sobrou de um ser que viveu há milhares ou milhões de anos atrás, que ficou preservado em diversos materiais, podendo ser planta ou animal. Essa preservação ocorre, principalmente, em rochas, mas ela pode ocorrer também em materiais como sedimentos, gelo, piche, resinas, solos e cavernas. E os exemplos mais citados são ossos e caules fossilizados, conchas, ovos e pegadas.
- A descoberta de fósseis é muito importante para se conhecer os vestígios dos seres, animais ou plantas, que habitaram nosso planeta há milhares ou milhões de anos atrás. Para que os restos de qualquer ser vivo fossilizem, é fundamental que estes sejam rapidamente cobertos por um material que os preserve, geralmente sedimento. Por isso, o osso encontrado por Salsicha parecia ser um osso de pedra!
- A Paleontologia é a Ciência que estuda os fósseis, uma vez que eles fornecem dados importantes quanto à evolução biológica, determinação de períodos e datas e reconstituição da história geológica da Terra.

- Um Paleontólogo é um cientista que é reconhecido como um profissional da área através da legislação de uma Sociedade Científica de cada país. No Brasil, Paleontólogo é aquele que apresenta uma graduação em Geologia, Biologia ou áreas afins e uma pós-graduação com monografia e sua dissertação ou tese versando sobre uma pesquisa desenvolvida na área da Paleontologia. Eu passei por todas estas fases. Aqueles que gostam de Paleontologia, como passatempo e não profissionalmente, e que não apresentam uma formação na área, não são Paleontólogos. Por exemplo, não basta gostar de animais para ser Zoólogo, é preciso ser um profissional da área. Em alguns países há o reconhecimento dos Paleontólogos Amadores. No Brasil, por questões de impedimento legal, não há o reconhecimento de Paleontólogos Amadores, pois a coleta de fósseis por não profissionais é terminantemente proibida, considerada um crime contra o Patrimônio Natural.

- Nós Paleontólogos devemos possuir profundos conhecimentos em Geologia e Biologia, uma vez que estudamos os fósseis para investigar como eram os organismos e os ecossistemas do passado geológico da Terra. Nós estudamos, também, para perceber como estes se formaram e como podem ser usados para a datação relativa dos estratos rochosos em que ocorrem. Para investigar a vida do passado da Terra e estudar os fósseis é necessário conhecer bem a geologia dos locais onde estes ocorrem e a biologia dos organismos que lhes deram origem.

- Diferente do Arqueólogo, que estuda as evidências culturais do passado dos seres humanos, o Paleontólogo estuda a vida do passado do planeta Terra, incluindo os fósseis de humanos, mas de um ponto de vista paleobiológico. Apesar de, no tempo em que trabalha na escavação de fósseis de vertebrados, a prática paleontológica se assemelhar a uma escavação arqueológica. A Arqueologia utiliza métodos de escavação e de estudo diferentes e usa, por vezes, técnicas de determinação de períodos distintas.

- Nosso trabalho, como você bem sabe, se dá inicialmente pela prospecção e coleta de fósseis, encontrados em estratos sedimentares. A coleta é um trabalho cuidadoso, que demanda tempo e técnica, e que deve ser feita apenas por profissionais treinados, pois os fósseis são muito frágeis e podem se fragmentar facilmente. Após a coleta, decorrem meses de trabalho de laboratório e de gabinete, preparando, montando e estudando todos os fósseis recolhidos, para no final produzir um documento conclusivo, um relatório ou um artigo científico, que deverá em seguida ser publicado e divulgado entre a comunidade científica e o público em geral.

.

- A atividade que eu mais gosto na Paleontologia é o trabalho de campo, como fizemos para descobrir o nosso *Santanaraptor Placidus* em Araripe, nas terras de seu pai. As prospecções paleontológicas são a fonte principal de obtenção de dados para os estudos realizados pelo Paleontólogo. Estas são direcionadas para resolver problemas específicos e responder perguntas sobre um determinado assunto que está sendo estudado. Para isto os pesquisadores levam em consideração fatores como a geologia, a estratigrafia e a geografia de um determinado local, com a finalidade de ter maiores probabilidades de encontrar locais com rochas sedimentares expostas, os afloramentos rochosos, da idade correta, e com potencial de encontrar os fósseis desejados. Frequentemente, os Paleontólogos visitam localidades nas quais já há registros prévios de fósseis, os chamados sítios clássicos. Eles, ainda, podem ser avisados de uma possível ocorrência fóssil em um sítio novo, após a observação casual por algum residente próximo do local. Se pensarmos bem, isto foi feito pelo Salsicha! Na atualidade, é cada vez mais comum planejar prospecções paleontológicas através da análise de imagens de satélite.

- Um alerta importante que eu gostaria de transmitir a você. A coleta de fósseis nunca deve ser realizada sem a orientação de pessoas com a formação acadêmica e a experiência necessária, pois esta requer de uma série de cuidados. Durante os procedimentos de coleta se deve priorizar tanto a preservação da integridade dos espécimes descobertos, que pela sua natureza são extremamente frágeis, quanto à correta documentação de informações extremamente importantes de caráter tafonômico, ou seja, o estudo de organismos em decomposição ao longo do tempo e como se fossilizaram, caso isto tenha ocorrido, sedimentológico e estratigráfico, que costumam passar despercebidas perante o leigo. A perda destas informações priva os fósseis coletados do seu contexto e dificulta a resolução de questões de cunho biológico, temporal, paleoecológico, paleoambiental, paleoclimático, e paleogeográfico, entre outras. Uma vez perdidas em campo, estas informações não podem ser recuperadas no laboratório.

E o senhor Atílio finalizou:

- Enfim, Didi! Este é o mundo maravilhoso que você está entrando agora. E, com certeza, será muito bem sucedido!

Ao que Didi respondeu:

- Procurarei fazer o meu melhor. Mestre. E ficaria muito feliz e realizado se chegar próximo ao sucesso que o meu grande Mestre Atílio alcançou!

Os dois riram e, abraçados, deixaram o instituto finalizando mais um dia de trabalho.

Agora formado, Didi visitava com mais frequência seus pais já idosos e aposentados na cidade de Fortaleza e reservava alguns dias para passear pela sua cidade natal Araripe, nos campos da antiga casa de pau-a-pique onde passara sua infância.

E foi em uma destas visitas, que Didi teve uma grata surpresa. Ao passar pela antiga estradinha de terra, agora mais uma trilha na mata, Didi se deparou com um riacho de águas claras e frescas. Finalmente, a fonte de água conseguiu vencer o antigo leito seco e formar um riacho que passava bem ao lado da antiga estradinha de terra. Isto se deveu ao reflorestamento natural que ocorreu após a saída de carvoeiros da região.

Era a água pura voltando novamente ao vale. Didi parou, bebeu a água, refrescou seu rosto e permaneceu lá por longo tempo.

Ele nem percebeu que marcas de cascos e excremento fresco demonstravam que algum cavalo ou jegue havia parado ali para beber água.

(Poderia ser o velho Jabá?).

Em sua mente, recordou todos os dias de sua infância e como tudo aquilo havia começado. Sentia-se realizado, porém não achava que tinha, ainda, cumprido a missão que Deus lhe confiara.

- Ah! Se pudesse, eu ficaria aqui por toda a vida! Pensou Didi.

Mas, no Instituto de Paleontologia Atilio Munari, muitos projetos de prospecção de fósseis esperavam pelos cuidados do Dr. Ubaldo Nonato, seu verdadeiro nome.

Mas, antes de voltar, Didi colheu várias sementes das árvores e arbustos da floresta e dos campos ao redor de sua antiga casa, pegou um pouco da água do riacho, colocando em potes de vidro. Em sua mesa de trabalho no Instituto, o Dr. Ubaldo, de vez em quando, olhava para os potes com a água e com as sementes de sua querida terra natal. Nestes momentos, ele parava por uns instantes as suas atividades e se deixava embalar pelas lembranças de seu tempo de criança.

Em sua mente, passava um filme de sua infância onde ele se via ao lado de Jabá, brincando com Salsicha, jogando milho para as galinhas, levando as cabras para pastar nos campos, dando comida aos porcos, ajudando seu pai

nos trabalhos da roça, vendendo produtos no vilarejo e, principalmente, os anos que ele andou pela estradinha de terra rumo à escola.

Não raras vezes, era surpreendido por lágrimas de emoção que caíam de seus olhos. Apesar de ser um homem com muitas responsabilidades no trabalho e na família, Didi nunca deixou de visitar sua terra natal e sua antiga casa e dar continuidade à missão que começara em sua infância.

Pelo menos uma vez por ano, Didi dedicava dez dias de suas férias para dar continuidade ao seu trabalho como Paleontólogo nas áreas próximas de sua antiga casa. Mas, isto mais como diversão do que como uma atividade profissional.

Em algumas ocasiões, as pessoas achavam estranha a presença de um homem vestindo roupas diferentes, com um chapéu de aba larga, de boa aparência e fino trato, escavando o chão com ferramentas, sozinho. Ninguém entendia o que ele estava fazendo.

Mas Didi sabia muito bem o que estava fazendo - procurando sozinho um osso de pedra, como fizera Salsicha há anos atrás! Ele estava sem sua equipe especializada. Mas, quis repetir o esforço de Salsicha, quando este descobriu o Santanaraptor, como uma forma de homenageá-lo e brincar de criança! .

Em uma de suas visitas anuais à sua terra natal Didi parou para descansar à beira do riacho, lavar o rosto e beber água. Em dado momento, ele viu um vulto sair da mata e se aproximar dele. Ao longe ele não conseguia distinguir se era um animal ou uma pessoa.

Mas, logo identificou que era um animal e um jegue!

O jegue se aproximou muito lentamente de Didi, mancando de uma das pernas. Ele parecia muito cansado e fraco. Quando se aproximou, Didi gritou:

- Jabá, é você?

Era Jabá, sim! E Jabá encostou sua cabeça no ombro de Didi para receber um carinho. Didi o abraçava e chorava. Jabá estava muito velho e, talvez, só se manteve vivo todo este tempo à procura de Didi. Didi deixou Jabá saciar a sede, molhou seu rosto e os dois seguiram pela antiga estradinha de terra rumo à sua antiga casa.

De lá, Didi transportaria mais tarde Jabá para o seu novo sítio, onde ele poderia viver seus últimos anos de vida junto a alguns novos amigos - cavalos, vacas, cabras e outro jegue.

O tempo passava, a vida passava.

Um dia, o telefone de Didi tocou, era sua mãe. Dizia que seu pai Floriano não estava passando bem e teve que ser hospitalizado. Imediatamente, Didi deslocou-se para Fortaleza. Seu pai já estava com 82 anos e sentia o peso da idade. Didi estava preocupado...

Seu pranto durou vários minutos. Chorando, sentado abraçado à sua mãe, Didi temia pela vida do meu pai, seu maior amigo e companheiro. Ele tinha muitos planos pela frente e queria que seu pai vivesse todos estes momentos consigo.

Em sua visita ao hospital, Didi pode conversar com o seu pai e dizer-lhe o quanto eu o amava e o quanto ele era importante para sua vida e para sua mãe. Disse-lhe o quanto gostaria que ele o acompanhasse nos principais momentos de sua vida que, com toda certeza, viriam. Seu pai ouvia com um olhar sereno e terno. Não sofria dores. Mas, estava definhando lentamente.

Do quarto do hospital, Floriano podia ver os jardins do hospital, onde um bosque formado de Ipês Roxo em floradas dava um grande espetáculo da Natureza. Neste momento, ele voltou seus olhos para seu filho Didi e com alguma dificuldade disse:

- Filho, você está vendo aquele bosque de Ipês?
- Sim, pai, ele estava me chamando a atenção por sua beleza!
- Observe a lição de vida que este bosque está nos dando!

Didi olhou em direção ao bosque sem descobrir de imediato a lição de vida que seu pai se referia e ele continuou:

- Veja bem. No bosque temos Ipês de vários tamanhos, todos procurando o seu lugar ao Sol. O Sol é vida para as árvores. Através dele, elas podem florir e gerar suas sementes perpetuando, assim, a sua espécie. Crescer em busca do Sol é uma questão de sobrevivência para elas. Mas, note bem que as mais novas têm o tronco fino e uma pequena copa cujas folhas procuram desesperadamente o Sol. Estas estão em fase de crescimento e estão em desvantagem nesta competição. Já as mais velhas

têm os troncos mais grossos e uma copa bem mais larga, uma vez que recebem mais raios do sol. Agora veja aquele Ipê majestoso, o maior de todos, o mais velho. É ele que possui a maior copa de galhos e folhas. É ele que possui a maior quantidade de flores, conseqüentemente, irá gerar as melhores sementes para a árvore. Entretanto, observe o seu tronco. Veja como ele já está com muitos parasitas e se apresenta com diversos buracos que o estão deteriorando. Muito em breve ele sucumbirá à idade e cairá. Ao cair, ele estará abrindo um grande espaço para os demais Ipês menores conseguirem mais luz do Sol e crescerem fortes e saudáveis. Mas, enquanto isto não acontece, ele está usufruindo a melhor luz do Sol, ocupando o maior espaço para a sua copa, está dando as melhores flores e gerando as melhores sementes. Ele está vivendo o seu momento maior de glória em toda a sua vida. A vida é assim para todos os seres vivos, meu filho. A vida é assim. Neste momento, eu estou me sentindo, também, no momento maior de glória por ter gerado um filho como você e pelas palavras de carinho que acabou de dizer! Lembre-se sempre da mensagem transmitida pelo bosque dos Ipês, meu filho!

Cansado, meu pai virou-se para o lado, calou-se e adormeceu em seguida. Mas, Floriano conseguiu superar sua doença e voltou para casa, apesar de seu estado de saúde requerer muito cuidado.

Os anos se passaram. E um dos maiores momentos da vida de Didi estava prestes a acontecer.

Era o grande dia da apresentação de Didi de sua grande descoberta paleontológica.

Ele apresentaria seu trabalho para uma plateia formada por especialistas, como Paleontólogos, Biólogos, Geógrafos, Diretores de museus, Cientistas, Arqueólogos, entre outros convidados. Ele iria apresentar a descoberta que fez em escavações na Chapada do Araripe nos ricos sítios arqueológicos do Ceará. O auditório estava repleto.

Ele havia reservado três lugares para sua família, na quarta fileira. Do palco, eu podia ver sua mãe Santinha, seu pai Floriano e sua noiva Bruna.

Após três meses de prospecção, o Dr. Ubaldo Nonato, nosso Didi, descobriu fósseis de uma Preguiça-Gigante. Os fósseis estavam completos, formando um dos melhores exemplares da espécie até então conhecido.

Ele começou sua apresentação mostrando uma concepção artística da Preguiça-Gigante e a foto de seus fósseis.

.

E percorreu, durante duas horas, todas as fases de seu trabalho e o trabalho de sua equipe no campo, bem como as características deste animal pré-histórico.

Após explicar toda a fase de planejamento e execução do projeto, os esforços de localização de um sítio arqueológico onde pudesse ter sucesso, o trabalho de campo desenvolvido, a apresentação dos nomes e funções de sua equipe de apoio, as escavações, enfim, o seu achado, O Dr. Ubaldo Nonato, finalizou relatando alguns dados técnicos a respeito da preguiça-gigante:

-
- As preguiças-gigantes constituem um grupo separado na ordem Xenarthra, relacionado com as preguiças arborícolas existentes na atualidade, constituído por seis famílias e 88 gêneros, todos extintos.

- As preguiças-gigantes surgiram no período Oligocênico e extinguiram-se há cerca de 10.000 anos. Há evidências de que uma pequena população tenha sobrevivido nas ilhas de Hispaniola e Cuba até cerca de 1550.

- Apesar do nome, nem todos os membros do grupo das preguiças-gigantes eram de grandes dimensões. O registro fóssil indica que as primeiras formas a surgir eram relativamente pequenas, de tamanho comparável às preguiças atuais, sendo a evolução para o gigantismo progressiva. No fim do Pliocênico, início do Pleistocênico, esta tendência inverteu-se no sentido da redução de tamanho talvez por pressões ecológicas.

- Nas Caraíbas muitas espécies tornaram-se variáveis anãs, numa adaptação ao ambiente insular e condições tropicais também observadas, por exemplo, em proboscídeos (*Stegodon*) ou homínídeos (*Homo floresiensis*).

- As preguiças-gigantes surgiram no Oligocênico, na região da atual Patagônia e desenvolveram-se na América do Sul. Com o estabelecimento do istmo do Panamá, as preguiças migraram para Norte, chegando ao atual estado do Yukon no Canadá.

- A anatomia das preguiças-gigantes é conhecida com bastante detalhe, graças a centenas de exemplares bem conservados encontrados em cavernas e nos poços de betume de La Brea, na Califórnia. Alguns exemplos encontram-se tão bem preservados que incluem tecidos fossilizados ou partes da pelagem de cor avermelhada.

-

- Os hábitos alimentares das preguiças-gigantes são igualmente bem conhecidos, através do estudo dos seus coprólitos (fezes fossilizadas) e respectivo conteúdo vegetal. Sabe-se assim que estes animais eram exclusivamente herbívoros e que preferiam folhas e ramos de árvores. Eram, no entanto, bastante flexíveis e em épocas de escassez podiam consumir plantas desérticas, incluindo cactos.

- A primeira tentativa de reconstrução anatômica de um conjunto de fósseis foi realizada em 1796 e o resultado foi interpretado por Georges Cuvier como uma forma de preguiça-gigante, que o naturalista classificou como *Megatherium Americanum*.

(Dica: Este trecho é muito técnico-científico e pode conter informações não conhecidas pelos leitores, uma vez que a apresentação se destinou a cientistas e especialistas. Mas, lembre-se: pergunte à sua professora, aos seus pais ou seus avós sobre os pontos que você não entendeu neste trecho. Esta é uma boa forma de aprender! Outra alternativa é você mesmo pesquisar na Internet os termos que não conseguiu entender!)

E, finalizando, o Dr. Ubaldo Nonato esclareceu:

- No site do Instituto de Paleontologia Atílio Munari, os senhores poderão encontrar o estudo completo desta descoberta. Muito obrigado a todos!

Ao final de sua apresentação, todos aplaudiram muito. Neste momento, Didi começou a chorar. Chorava de alegria e felicidade por este momento, chorava de emoção pela presença de sua família.

Quando ele olhou para sua mãe Santinha e Bruna, pode ver seu pai levantando-se com muito esforço, com um sorriso de imensa felicidade e com o dedo polegar para cima, o seu tradicional gesto de positivo e Didi retribuiu com o mesmo gesto.

Apesar dos muitos afastamentos que Didi precisou fazer para cumprir seu plano de estudos, ele sempre sentiu a presença do seu pai o tempo todo, ouvia seus conselhos e lia seus pensamentos. Ele sabia que, um dia, seu querido pai Floriano partiria desta vida. Mas, ele sabia de uma coisa – os pais nunca morrem.

Eles passam a fazer parte de nossa própria existência. Às vezes ele se via falando do modo como seu pai falava, comportando-se do jeito de seu pai, usando as mesmas expressões faciais dele e a sua maneira de falar. Era uma presença espiritual, mas muito forte e diária na vida de Didi.

.

Este é, talvez, o maior consolo que Deus nos dá para poder suportar a falta de pessoas que amamos muito, como a falta que Didi sentirá de seu querido e saudoso pai um dia.

Didi casou-se com Bruna, teve dois filhos e se tornou um grande Paleontólogo, Professor e Conferencista. Mas, nunca se esqueceu de Araripe e da casa onde nasceu. Pelo menos uma vez por ano, ele andava pelos mesmos campos e estradinha de terra que marcaram sua infância, agora acompanhado de sua esposa e filhos, que achavam engraçada a história que ele sempre contava sobre Salsicha e o osso de pedra do dinossauro...

FIM